

O HERALDO

Director, proprietario e administrador
JOSÉ MARIA DOS SANTOS ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"
 RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

Redacção, administração, composição e impressão
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
 RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

NOVO REI

A hora é ainda de luto e de amargura. Não se apagará, tão cedo, a impressão de espanto e de horror, essa visão allucinada e sangrenta de um rei cahindo debaixo de ballas assassinas, de um príncipe atirado á morte em plena mocidade...

Hora tragica e fatal, hora terrivel e amarga; mergulhou em luto a alma nacional e em doloroso assombro o coração de um povo.

Mas, deixemos á historia, na sua alta serenidade imperturbavel, o julgamento decisivo. Paz aos mortos, que já agora repoisam, das luctas da existencia, no indecifrável mysterio dos tumulos.

E' preciso seccar os olhos e encarar a vida. Uma nação tem os seus destinos a cumprir. E as dôres, por mais profundas que sejam, e as tempestades, por mais violentas que estalem, não a podem fazer deter nem parar.

— *Surge et ambula!* Levanta-te e caminha! — Assim lhe grita a Historia, deusa implacavel, impellindo os povos e as nações, na jornada eterna do templo.

E' hoje rei de Portugal D. Manuel II.

Entregaram-lhe a corda as mesmas carabinas que para sempre lhe enlutaram a memoria.

E o jovem príncipe, descuidoso e tranquillo até então, foi chamado n'um momento a tomar sobre os hombros a pesada e terrivel herança. Terrivel para os que a deixaram, afogados em sangue. Pesada e mysteriosa para aquelle a quem a sorte a entregou, n'este instante de incertezas cruéis.

Houve um povo no mundo, que sempre foi facil governar: era o povo portuguez. Corajoso e soffredor, dedicado até ao sacrificio, amavel e tranquillo, bom por indole, complacente por temperamento, nenhum outro povo o podia egualar na doçura e na resignação. Na guerra, quando a patria corria perigo, sacudia a juba altiva, e investia então, com a loucura da heroicidade — leão indomavel que defende até á morte o patrio ninho.

Na paz, o guerreiro arrojava para longe o elmo e a espada, e só pensava nos progressos da terra em que nascêra. Lavrando e cantando, cultivavam, com entranhado amor, essa mesma terra abençoada e linda. E ainda então, ninguem o excedia em desinteresse, ninguem lhe levava a palma em sacrificios. Tudo dava — sangue, trabalho e socego — mal lhe dissessem que para o bem da patria o dava.

Heroico povo! Honrado e generoso povo!

Mas, um dia, surgiu n'este scenario tranquillo uma personagem fatal.

Illudiu o rei e escravizou o povo,

gerou odios tremendos e envenenou a alma da patria. Essa nação heroica, até ali unida como se apenas fosse uma grande familia, dividiu-se em rancôres, ergueu-se em conspirações, debateu-se n'uma verdadeira guerra de irmãos.

— *Hei de procurar seguir a lei, só a lei, sempre a lei!*

Assim proceda, pois, o novo rei de Portugal. E este paiz, sempre bom e sempre generoso, saberá pagar tambem, em affectos e de-

— Mas, como cahiu o governo antigo? — perguntarão os leitores. Vão sabê-lo. E' essa uma pagina suggestiva da historia dos actuaes acontecimentos.

O sr. João Franco, á hora da tragedia, estava ainda na estação onde desembarcara a Familia Real.

tentou ficar no governo. Era o de lirio de mandar.

Madrugada alta, o dictador appareceu no Paço das Necessidades. Levava á assignatura o decreto da proclamação do novo Rei. Lá iam as palavras da praxe e do estylo: *ao soberano apraz conservar os mesmos ministros.*

D. Manoel leu e franziu o sobrolho. Mas assignou. Em seguida, porém, disse ao sr. João Franco:

— Convoque o Conselho de Estado para amanhã, ás tres horas da tarde...

Surpreso com a ordem, o dictador buscou uma resposta, mas só conseguiu titubear:

— Para amanhã, ás tres horas, é talvez impossivel, pois não ha tempo de avisar o José Novaes...

E logo o novo rei: — Convoque o Conselho de Estado.

Foi n'esta altura apenas que o ex chefe do governo percebeu a situação desesperada em que se encontrava.

Em todo o caso, queimou os ultimos cartuchos. No Conselho de Estado, o sr. José Luciano de Castro, condemnando a obra franquista, lembrou a D. Manoel II que era mister um governo de concentração monarchica... para acalmar os espiritos, para serenar a nação, para trazer a paz e a tranquillidade á opinião publica.

O novo rei concordou. E só então, vendo-se perdido, o sr. João Franco disse:

— Peço a demissão do ministério.

Mas não desestiu ainda do seu delirio de mandar. O novo governo era de Concentração Monarchica. Pois bem: queria ter n'esse governo um ou dois ministros da sua seita.

Pelo menos desejava conservar o ministro da guerra.

Esta audacia foi repellida por todos. Por todos, o dictador foi escorraçado.

E o sr. João Franco, sem a coragem de apparecer deante dos proprios amigos, sabendo a indignação que lhe rugia em volta, deixou o paiz, refugiou-se no estrangeiro. De noite, um automovel todo fechado, conduziu-o a uma pequena estação proxima de Lisboa, onde o expresso parou, de proposito, só para o receber. Ali, em compartimento reservado, seguiu para Hespanha. No seu journal, declarou abandonar a politica.

Assim cahiu esse governo nefasto, que ficou marcado por uma das mais horrosas tragedias da historia portugueza.

O novo governo, logo no dia immediato á sua constituição, fez publicar um decreto annullando as medidas mais odiosas do franquismo, isto é, todos os decretos de excepção.

Restabeleceu-se o imperio da lei.

E, assim, n'esse mesmo dia, sahiram das prisões os deputados republicanos dr. Antonio José d'Almeida e dr. Affonso Costa, o deputado dissidente dr. João Pinto dos Santos, os jornalistas republicanos João Chagas e França Borges, e outros presos politicos, taes como o dr. Egas Moniz, lente da Universidade, e o visconde da Ribeira Brava.

As outras masmorras, os fortes de Caxias e de Sacavem, onde estavam dezenas de cidadãos sem culpa formada, abriram-se igualmente.

Fez-se justiça. Vimos João Chagas, por acaso, quando lhe abriram a porta da pri-



S. M. EL-REI D. MANUEL II

A consciencia de uma nacionalidade inteira andava estrangulada nas mãos d'esse homem sinistro. Todos os direitos foram calcados. Todas as liberdades, conquistadas a preço de sangue, foram suprimidas. Deu se, então, a tragedia assombrosa e sangrenta.

Cahiu um rei, illudido na sua fé. Baqueou um príncipe, innocente e justo.

Mas o novo rei, que se ergueu, teve a fortuna ainda de ver o mesmo povo, desfeita a passageira allucinação, revoltar-se contra o attentado tenebroso e unir-se no antigo affecto pelo throno ameaçado.

Encetou D. Manuel II o seu reinado, recebendo uma das mais tremendas licções que as paginas da Historia registam. Ella lhe servirá de decerto, para o encaminhar na vida, livrando-o de maus conselheiros, guiando-o sempre no amor e no respeito pelo povo.

Recebendo o seu primeiro governo, D. Manuel teve estas palavras, que ficarão memoraveis:

dicções, esse respeito á lei e á liberdade.

Defenda o rei o povo. E o povo defenderá o rei.

CARTA DE LISBOA

COMO CAHIU O ANTIGO GOVERNO — ULTIMOS ARRANCOS DO DICTADOR — O NOVO GOVERNO PÔE EM LIBERDADE OS PRESOS POLITICOS — O QUE ELLES DIZEM DAS PRISÕES

Tem o paiz outro governo. Volta a tranquillidade aos espiritos. As prisões abrem se, de par em par, chamando á liberdade quantos cidadãos uteis e prestantes alli estavam encarcerados. Do estrangeiro, da negra terra do exilio, voltam outros que para lá tinham fugido, acoçados pelo odio de um homem funesto.

Reina outra vez a paz em Portugal.

O novo governo comprehendeu a situação e viu que o tempo não é, nem para habilidades nem para despotismos. Respeito ao povo e respeito ás leis — e a tranquillidade tornará feliz o povo e próspera e respeitada a Nação.

E assim a deixara ir, em carro descoberto, quasi sem precauções policiaes, apesar de saber a agitação que lavrava na capital.

Depois, consumado o crime, atravessou pelos ministerios e dirigiu-se ao Arsenal. Quando alli chegou, sua magestade a rainha D. Amelia, apontando os cadaveres de El-Rei e do Prince, disse-lhe apenas:

— *Ahi tem, sr. João Franco, o resultado da sua obra.*

Sua alteza o infante D. Affonso, vendo o dictador, diz se que avançou para elle, de punhos cerrados, tendo de intervir as pessoas presentes para evitarem uma scena violentissima.

D'ahi a pouco, chegava tambem, louca de dôr, sua magestade a rainha D. Maria Pia. Conta se que empallideceu; ao ver o sr. João Franco, e lhe disse:

— *Tinha calculado que o senhor fosse o coveiro da monarchia. Mas nunca julguei que chegasse a ser o assassino de meu filho e de meu neto.*

Não sabemos se o sr. João Franco respondeu. O que toda a gente sabe, o que assombrou toda a gente, é que o sr. João Franco ainda

são no quartel da guarda municipal, aos Paulistas. Seriam dez e meia da manhã. A rua estava quasi deserta, por ninguem esperar que fosse posto em liberdade aquella hora matutina.

O vigoroso jornalista deu alguns passos cambaleante; esfregou os olhos, para se convencer de que estava livre, e encostou-se á parede. Parecia abatido e fraco; mal podia andar...

Depois, ganhou animo, aspirou com força o ar da liberdade e seguiu para casa. Teve alli ruidosas aclamações, de milhares de pessoas que durante todo o dia o foram abraçar.

O dr. Antonio José d'Almeida e o dr. João Pinto dos Santos estiveram presos no quartel da municipal, do largo do Carmo, sendo alli tratados com delicadeza e deferencia.

Quanto aos outros presos, de maior importancia, todos se queixam de serem tratados brutalmente, sendo mettidos em nojentas enxovias.

ECHOS

Sua magestade El-Rei D. Manuel iniciou o seu reinado com um bello e nobilissimo acto, que deve ter sido sympathico a todos os portuguezes, sejam quaes forem as suas idéas politicas.

O *Diario do Governo* publicou a seguinte carta de El Rei ao vice-almirante Ferreira do Amaral:

Meu presidente do conselho:—Devendo as Côrtes, nos termos do artigo 80.º da Carta Constitucional, fixar no começo de cada reinado a dotação do Rei, e desejando eu que o Parlamento es-
eja livre de toda a indicação para resolver sobre o assumpto, é meu firme proposito que a fazenda da Casa Real não utilize recursos que não tenham sancção parlamentar.

Creia-me sempre seu muito amigo

MANUEL

5 de fevereiro de 1908.

Nada mais nobre, nada mais digno de applausos. O sr. João Franco, em dictadura, augmentou a lista civil do Rei em mais cento e sessenta contos de réis por anno.

Pois El-Rei D. Manuel não quer receber esse dinheiro, sem que os representantes do povo, em Côrtes, se pronunciem sobre o assumpto.

Se o moço rei, pela sua affabilidade, pelo seu trato delicado, pela sua adoravel modestia, não fosse já querido e respeitado, este acto bastaria para o impôr á nossa sympathia e á nossa admiração.

Lemos ha dias, com agrado e não menos curiosidade as *Memorias de uma actriz*, de Mercedes Blasco. Nas suas notulas, n'aquelle cerzimento de aventuras de palco e fóra d'elle—n'este outro palco bem mais vasto que é a Vida—ella, a *chanteuse* gaiata, recorda uma sua estada no Algarve, quando n'uma *tournee* artistica pelo paiz. Lá vem enquadra no seu livro uma chistosa carta de Carlos Fuzetta, a Mercedes endereçada, n'uma noite de recita no *Theatro Tavirense*, ro-gando lhe fosse dado no theatro a trasbordar, um *nadinha de terra* que pudesse *suster o corpo*, preso á alma extasiada

Isto já lá vae ha um bom par d'annos e, não sabemos se se recordam, o *requerimento* foi... de-rido. E Mercedes agora, claro, juntou-o... aos *autos*!

Ultimos arrancos.

O franquismo, como se sabe, matou-se ás suas proprias mãos. O chefe exilou-se, declarando pe-peremptoriamente abandonar por completo a vida politica, deixando todo um rasto de rancores, de odios de que, parece, por largo tempo será alvo. Ninguem ainda, neste paiz, tão funestamente liqui-dou politicamente. Os registos não accusam nem igual, nem seme-lhante fallencia.

Exilado elle, a debandada co-meçou em todas as provincias. Os poucos que ficaram, em Lisboa, tentam ainda crear alentos. Baldadamente, sem duvida, por mais que o pregoem os seus clari-ns jornalisticos.

Nos ultimos arrancos o *Diario Illustrado* proclamava, um destes

dias, que «o partido regenerador liberal não surgiu para um homem: agrupou-se em obediencia a intui-tos determinados».

Por mais que, agora, o collega lisbonense e outros o neguem, é certo que essa patrulha foi criada por João Franco, para elle nasceu e por elle, e só por elle, viveu.

O pae de rebentinho politico fez-se de abalada e os intuitos do agrupamento... ficaram de todos bem conhecidos.

Pretendem ainda os que ficaram dar mostras de vida. Pura illusão!

Teem esperanças, mas é dos biblicos versiculos que, nem só destas... os homens vivem.

Sociedade Cooperativa

DE

VILLA REAL DE SANTO ANTONIO

Com a publicação, no nosso jornal, do seguinte relatorio relativo a Sociedade Cooperativa de Villa Real de Santo Antonio queremos não só prestar a devida homenagem a essa utilissima e florescente instituição que tão victoriosamente triumphou n'um meio em que todas as generosas tentativas abortam, como tambem tornar conhecido e divulgado esse conhecimento que é o relatorio, não só pelo que em si vale como eloquente e aproveitavel incitamento ao cooperativismo, como tambem pelo que elle nos revela de solicitude e decisiva vontade em tornar prospera e garantida essa instituição que é já de enormes vantagens e que pode ainda ter mais vasto aproveitamento.

Recommendamos aos nssos leitores a leitura d'este relatorio que, muito melhor de que quaesquer elogiosas referencias que nós poderemos fazer, falla da vontade energica e do inveterado espirito de iniciativa com que um redusido grupo de cidadãos, certamente estimulados pela inabalavel energia de um só, conseguiu crear, fortalecer e tornar prospera uma instituição que não tem equal na provincia.

Srs. Consocios:

A direcção da «Sociedade Cooperativa» cumprindo o determinado no artigo 24.º dos nossos estatutos vem dar-vos conta da sua gerencia no anno de 1907 e submitter ao vosso esclarecido exame o balanço e propostas que vos vão ser apresentadas.

A nossa sociedade constituída ha pouco mais de um anno com o proposito unico de fornecer aos socios generos de primeira necessidade pelo menor preço possivel e peso exacto—se, no seu inicio, encontrou numerosas difficuldades, aliás previstas, e causou geral surpresa com a consequente desconfiança dos meios pequenos como o nosso,—não tardou em repellar a atmosfera de suspeitas que a rodeavam e constituir-se definitivamente com rara robustez. Não exporemos aqui a enfadonha historia das cooperativas de feitos varios que teem sido tentadas em Villa Real, filhas de postigo entusiasmo de momento—umas asphyxiadas á nacença, outras de triste memoria,—deixamos essa tarefa a artifices mais habeis,—mas não deixaremos de frisar que foram exactamente esses antecedentes, alem da mal disfarçada hostilidade e arrufos dos pequenos commciantes, que—muito contribui-ram para o retrahimento de futuros consocios quo de braços abertos ainda esperamos, desfeitas agora as ultimas duvidas,—e impediram que a nossa Sociedade atingisse o desenvolvimento que lhe sonhavam no seu primeiro anno de vida. Em segundo plano surgiram os tropeços proprios dos primeiros passos d'estas emprezas, a todo o momento avolumados aqui, em que a direcção aliava um sufficiente desconhecimento do commercio de mercearia, com as suas quebras e damnos, á pouca experiencia dos seus improvisados caixeiros na venda, pesagem justa e acondicionamentos dos generos ao balcão. A boa vontade porém, que mais não houve, tudo supprimiu.

Absorvidos os primeiros mezes na installação, contractado um zeloso empregado que correspondeu á nossa confiança, e acreditada a nossa Cooperativa perante os nossos forne-

cedores pelo pontual pagamento das facturas—cumpre-nos dizer, com justo orgulho nosso, que a Cooperativa, desde esse momento, tem multiplicado extraordinariamente as suas transações, dentro dos apertados limites do seu capital, e está hoje florescente e firme nos alicerces que lhe lançámos.

Meus senhores: se a nossa sociedade levou a effeito já uma parte do seu programma—fornecendo, com cauteloso peso, alimentos de 1.ª qualidade, os quaes certamente irá aperfeçoando á medida que o maior numero de socios lhe for permittindo mais amplo desfago,—não cumpriu contudo a nosso ver, todos os fins economicos a que foi destinada. Nem só de pão vive o homem:—a vida moderna, nas suas contingencias várias, multiplica dia a dia, necessidades que poderemos classificar ao lado da primordial alimentação. Mas não nos detenhamos n'essas, que a seu tempo atenderemos e procuremos resolver, em toda a sua extensão, o problema que visámos. Voltemos aos generos de 1.ª necessidade. A' iniciativa particular contrapõem-se muitas vezes interesses geraes que aquella não deve procurar affectar mas sim n'elles incidir provocando o seu progresso e prosperidade com o maior proveito proprio. Já a Cooperativa nos fornece o assucar, o azeite, o arroz, etc. etc. tudo de apurada escolha. Mas o pão, a carne, o leite? Excusado será accentuar que o fornecimento d'esses tres indispensaveis alimentos tem sido objecto de aturado estudo e a direcção que terminou o seu mandato, sente que o reduzido capital disponível da Sociedade a tivesse deixado muito áquem da meta desejada no resultado dos seus esforços. A outras direcções de maior folego e envergadura compete resolver o problema. No entretanto iremos appellando para os poderes publicos e espera a Cooperativa que os nossos edis municipaes, esfarrapando os pergaminhos da stulta rotina, prestem particular cuidado a tão momentoso assumpto, fiscalizando energica e rigorosamente a medida e qualidade do leite posto á venda, o peso do pão e da carne. Apesar dos seus defeitos que hoje o tornam incompleto—o Codigo de posturas da nossa camara rigorosamente applicado nos artigos 87.º, 109.º e outros,—seria uma garantia não desprezada pelas nossas futuras direcções para o fornecimento, á semelhança de outras cooperativas, por meio de «bonus» aos socios.

Não pretende a nossa Sociedade lesar interesses de ninguem; levantada a confiança geral contribuiria ella para o seu incremento. N'estes tempos de mutualismo em que a engrenagem social exige a cada um dos seus elementos o subsidio do seu esforço para o bem estar geral—não deve causar extranhese que as collectividades como a nossa procurem influir na «tutela publica» e, sob apparente egoismo, promover o aperfeçoamento da lei.—Para esse fim a vós todos consocios e municipes compete contribuir com uma parcela da vossa energia e substituir o velho e damnoio rifo: «a caridade bem entendida começa por nós mesmos»,—pela verdade que hoje se nos antolha n'estas simples palavras:—«Trabalha para os mais que para ti trabalhas».

Findou o anno de 1907 contando a Cooperativa 74 socios que representam em 214 acções o capital de 1:070\$000 réis.

Comquanto as nossas esperanças fossem mais além não pode a direcção deixar de declarar-se satisfeita e, pelo resultado obtido, agradecer a todos o valioso auxilio que lhe prestaram tanto na propaganda que por sua iniciativa fizeram como nos conselhos e subsidios que a muitos deve. N'estes ultimos mezes tem crescido rapidamente o numero de socios e esperamos que continue a inscripção especialmente das classes trabalhadoras para cujo beneficio são principalmente destinadas estas sociedades.

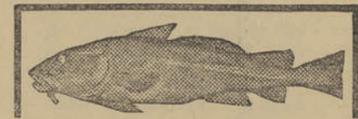
Em Villa Real forçosamente as cooperativas de consumo bem orientadas, hão-de progredir como succede em todos os centros industriais. Se bem que a grande maioria dos operarios não possam n'um dado momento dispôr de meios sufficien-

tes para a aquisição de acções, aliás de baixo preço, e durante os mezes d'inverno, em consequencia dos seus reduzidos ou nullos salarios, satisfazer os debitos mensaes de consumo,—é fóra de duvida que se lhes torna vantajosissimo e preferivel terem os seus creditos nas suas cooperativas, que lhes fornecem sábia alimentação, equilibrando os «deficits» da sua economia.—a deixa-los andar por fazenda alheia onde desmedidamente vão engrossar os cabedões do aváro merceeiro. Dada a fiança dos patrões ou o deposito prévio nas proprias fabricas, que garante o consummo, não é difficil resolver a questão. A Cooperativa n'este seu 1.º anno, se os senhores accionistas tiverem a curiosidade de verificar as suas cadernetas, além da dupla vantagem da qualidade do genero e exactidão de peso, já deu uma economia de 5% mensal sobre o custo dos artigos. Basta comparar este ao custo dos mesmos adquiridos nas lojas.

Necessariamente as classes assalariadas encontrarão aqui basto estímulo. No reverso da medalha encontrarão a pullular, sobre a hypotheca dos seus recursos, myriades de parasitas.

(Continua)

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.



«Tenho aconselhado ás minhas clientes no restabelecimento do parto, quando anemicas ou enfraquecidas, o uso da Emulsão de SCOTT, e notei sempre o mais

EFFICAZ RESULTADO

Após um ou dois mezes de tratamento, as doentes pareciam outras, coradas, robustas, sem o menor symptoma de enfraquecimento, tornando-se por este motivo fortes e sádas.»

(a) Maria Firmina, Parteira aprovada pela Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Povoa de Varzim, 6 de Maio de 1906.

A Emulsão de SCOTT é o nutrimento mais fortalecedor e energico, e ao mesmo tempo mais digerivel que existe. Por mais terrivel que seja o vosso estado de fraqueza, a

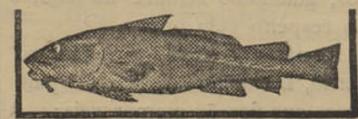
EMULSÃO DE SCOTT

com certeza vos restaurará o vigor e a saúde.



Exigir sempre a Emulsão com esta marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT! por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtém-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º, Porto.



ESTRELLA... APAGADA

Ninguem dá conta do instante em que, manso como espuma, no mal da vida irritante um sonho leve se esfuma.

D. João da Gamara.

Olhára...
Tinha-o, finalmente, junto de si, a elle, ao seu poeta melancholico, tão querido da sua alma sensível e em cujos olhos negros lhe parecia ler mil promessas de um futuro ideal, venturoso e desejado!...

A noite cahia serena.
Era lindo o aspecto do ceo; myriades de constellações espalhavam os esplendores do seu oiro vivo pela vastidão da aboboda e o mar tranquillo reproduzia os lindos luseiros.

Elle olhou o firmamento.
Uma estrella brilhantissima, destacando-se entre todas, atrahiu seus olhares...

Sem duvida, era aquella a estrella do seu porvir.

Como era linda!—Depois, o seu olhar foi todo para elle, que, chegara, apressado, correndo quasi, para approximar-se d'ella, e, entre caricias e reprehensiva, exclamou:

—Tão tarde!

Entretanto elle saudava-a, explicando:—Tarde? Não, não era tarde... Fizera-se noite, havia pouco... E' que perdêra a noção do tempo a pensar n'ella, na sua linda Musa, de olhos glaucos e bocca rubra...

—Lisongeiro!—exclamou ella, e pensativa:

—Quem me déra perder tambem a noção do tempo...

Elle sorriu; ella, imperiosa:

—Quero passear! Seja gentil! Offereça-me o seu braço... A noite está linda...

—Vamos! tornou o poeta.

E, de braço dado, seguiram silenciosos a riba solitaria aquella hora.

Ao longe, as luzes da cidade brilhavam; na atmospha pairava a essencia de mil perfumes confusos... um barco deslizou ao longe denunciado pelo bater cantante dos remos na agua...

Seguiram silenciosos...

Começava a envolvê-lo uma certa frieza que, mau grado seu, não conseguiam, mutuamente disfarçar.

Não que ella não fosse ainda a mesma que, outr'ora, se lhe offerecêra toda, n'um grande sorriso de amôr, sob as copas frondentes das alfarrobeiras vetustas, sequiosa de caricias e beijos...

Elle, o poeta, era tambem, ainda o mesmo. Vincava-lhe a fronte o mesmo traço desdenhoso e fino e, no seu olhar, havia ainda aquella vaga expressão de desprezo que parecia demudar-se em chammas de colera e de indignação, sempre que lhe acontecia fallar acerca dos inuteis, dos que não produzem, dos parasitas...

Ella, — lembrava-se bem ainda! — como que o envolvêra n'um circulo de seduccões... Mas, recordava-se, tambem, do nobre procedimento d'elle que, de um galanteio meramente platónico, passára a fallar em casos tristes e a contar-lhe, indignado, a historia da queda de uma pobre rapariga, sedusida por um pervalvilho endinheirado... Nada mais profundamente moralizador...

Ao longe, uns relampagos, começaram riscando o azul profundo do ceo.

—Relampagos!— exclamou elle eis a imagem dos affectos terrenos! Ephemeros; brilhantes e ardentes, mas ephemeros!

Elle protestou, pelo menos, em defeza do sexo a que pertencia e, logo, como n'uma allucinação citou as grandes apaixonadas de todos os tempos. Helena, Dido, Maria Magdalena!...

Eram vibrantes as suas palavras, elle, porém, interrompeu-lh'as com uma gargalhada.

—Chimeras! Purissimas chimeras! O amôr, palavra vã, irrisoria, termo inventado pelos homens para disfarçar uma das mais imperiosas necessidades do seu instincto!

—Sceptico!—Exclamou a linda musa—Fallarias assim se no teu

peito ardesse o fogo do verdadeiro affecto? Oh! Tu não sabes o que é soffrer o constante desejo de sonhar deliciosos sonhos...

Não sabes o que é anear, dia e noite, pelo momento feliz em que nossos olhos contemplem, sequiosos de amor, o ente cuja influencia tanto nos perturba...

—E tu, sabes? —Incredulo! — protestou ella, sorrindo—Poderia fallar assim se as minhas palavras não tradussem uma impressão vivida? Poderia pensar de outra forma desde que te conheço?

—A mulher e a serpente perderam o homem!—[diz a Biblia...

—E tu, meu adorado poeta, perdes o tempo a compôr blasphemias contra o sexo fragil!

E, muito meiga, curvando-se airosamente, com a graça de uma papoila balouçada pela brisa, beijou-o na bocca—num longo beijo apaixonado e ardente...

Continuava lindo o aspecto do ceo. Os relampagos tinham cessado e parecia agora mais esplendido o brilho d'aquella estrella que ella, pouco antes, fitara, tomando-a como sua celeste protectora.

Tão tarde!

Quasi noite!

Escureceu já ha tempo. E' lindo o aspecto do ceo. Ha perfumes varios pela atmosphera e luzem ao longe, os candieiros da cidade...

Elle não vem!...

N'uma angustia immensa bem lh'o diz o coração.

Não mais tornará...

Então, n'uma derradeira esperança, ella olha o ceo procurando a sua estrella protectora.

Mas, tambem alli, soffre uma cruel decepção...

Nenhuma brisa brinca no arvo redo. O mar está silencioso e a riba solitaria, como outr'ora...

No ceo, as estrellas luzem pequenissimas, infinitamente distantes...

Quanto á sua, aquella que fitou n'aquella noite de felicidade, nem sequer a vê!...

Estrella apagada!... tristemente apagada!... Apagada para sempre!...

Faro, 2.º-1908.

LYSTER FRANCO.

CAPITANIA DO PORTO

Está já definitivamente installada no predio sito á entrada da ponte, no lado oriental da cidade, a capitania do porto, que ficou muito melhorada no seu mobiliario, devido á persistente sollicitude do actual capitão do porto sr. Carlos d'Almeida Pereira.

NOTICIAS MILITARES

Tem hoje logar a cerimonia do juramento de bandeira no regimento de infantaria 4. Não se reveste de pompa, em vista do luto nacional.

—No dia 28 do corrente mez devem realisar-se na egreja do Carmo, promovidas pelo regimento de infantaria 4, solennes exequias por alma dos fallecidos D. Carlos I e D. Luiz Philippe.

COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Consta-nos ter pedido a demissão essa pleiade de comissionados que pela vontade caprichosa da dictadura que Deus tenha ahi fingia de Camara Municipal sob a suggestiva alcunha de Commissão Administrativa. Como, porem, ella ainda não tenha abandonado as cadeiras municipaes onde, repetimos, só foi pela vontade exclusiva e dictatorial da gente do governo, attentando violentamente contra as mais sagradas leis do paiz, reservamos para quando de todo cessam os seus trabalhos e possa dar-se inteiramente por finda a sua historica missão, a critica embora resumida, da sua vida administrativa que pouco mais tempo teve de duração que as infortunadas rosas de Malherbe.

Diz-se que ainda esta semana se publicará o decreto reconduzindo nos seus logares as antigas camaras e então á provavel que já de aqui a 8 dias tenham os comissionados voltado ao socego d'onde os trouxe o alvedrio caprichoso da dictadura.

CHRONICA DE PARIS

O attentado de Portugal. — Os grandes culpados. — Paginas de sangue.

Não ha meio de fugirmos ao ambiente que nos rodeia, e esse ambiente, que o queiramos ou não, acha-se hoje saturado em sangue. A horrivel tragedia de Portugal, presentida e quasi annunciada desde alguns mezes por aquelles que conheciam a fundo a grave situação politica d'aquelle paiz, faz esquecer qualquer outro successo; aquelle acto premeditado de vingança popular continuará, ainda por muitos dias, sendo o assumpto da actualidade.

Para que serviria repetir pormenores que todos conhecem? Morreu o rei ás mãos de doidos, succumbiu o principe herdeiro, por querer—como era do seu dever—defender a vida do pae; e não foi victima d'aquella horrificante refrega de alguns minutos, a rainha porque os regicidas quizeram respeitá-la. E' impossivel, por mais habil que seja o chronista, dar uma ideia d'aquella espantoso quadro, unico talvez na historia dos grandes crimes ideados ao calor das paixões politicas.

Tudo se tem dito a respeito dos factos que provocaram o golpe funesto que prostrou o rei. De todos, porém, que tem anathematizado o crime, considerado sob o ponto de vista juridico e humanitario, não houve—que eu saiba—quem ousasse dizer, pagando á verdade, o tributo devido, que o autor do assassinato foi a propria victima: o rei! E n'esta ordem de ideias, até direi mais: o rei Carlos, não só se suicidou, caminhando voluntariamente para o abysmo, como tambem, ao aceitar de antemão as consequencias dos seus actos arbitrarios, arrastou consigo para o precipicio a esposa e os filhos. Portanto suicidou-se e matou a familia.

Podia evitar a catastrophe e não o fez; tomando como primeiro ministro todas as medidas de estupidia e sangrenta coerção com as quaes ambos pretenderam exgotar a paciencia do povo, privando-o, com sarcasmo e alevosia de todos os seus direitos. Assim apresentada a questão, perguntemos e respondamos sinceramente, deixando-nos de sentimentalismo, que já não tem lugar depois de passada a primeira impressão: quem foi o grande culpado do tremendo drama de Lisboa? Pela minha parte, deixando de fallar nos meus ideaes politicos, digo com toda a franqueza e com toda a fineza das minhas honradas convicções: o rei! Pois que? o rei tinha o veto constitucional para oppor-se á promulgação d'uma lei claborada pelo poder legislativo, que representa a nação; e, sendo elle o chefe do poder executivo, não soube oppor o veto aos abusos do seu ministro; não soube pô-lo na rua aos pontapés, quando elle lhe aconselhou que desprezasse a Constituição e deixasse proclamar a dictadura? Tudo quanto se disser fora d'isto não passa de phraseologia. As coisas hão de chamar-se pelo seu nome, não é com uma sensibilidade exagerada que se julgam os factos. E' de certo muito digna de respeito a grande dor d'essa nobre Senhora que pelo facto de compartilhar as doçuras e privilegios d'um throno com o real esposo, se viu cruelmente constrangida a assistir impotente ao assassinato de dois entes queridos. O seu gesto, ao querer protegê-los com o braço e com o corpo é sublime e ficará como um dos rasgos mais ternos e eloquentes que possam registrar os annaes. Infelizmente não se pôde esquecer—sobretudo por serem hoje muitas as mães e as esposas em Portugal, que estão expiando delictos de que estão innocentes—o crime horrendo de lesa—patria cometido por um rei ditador que, cegado pelo orgulho, se dispunha a submergir o seu povo em sangue para encubrir os seus desperdicios e consolidar a sua dictadura.

Emquanto ao miseravel que, para satisfazer a concupiscencia e

prolongar a sua privança junto do rei, se prestou a approvar-lhe e authorizar todos os caprichos, aconselhando-lhe medidas de perdição e dando-lhe a ideia insensata d'uma dictadura infame, que obrigava o soberano á repressão iniqua que o levou á morte... até me repugna fallar n'elle e quero olvidar-lhe o nome. E' um ente vil, que nem sequer soube engrandecer-se, entregando-se voluntariamente ás iras do povo que tinha offendido. Fugiu cobardemente, de noite, como um criminoso vulgar que sente chegar-lhe o halito vingador da multidão que o persegue. Esse malvado, com o estygma na frente e o rubor da sua felonía no rosto, andará por esse mundo, pedindo hospitalidade aos povos, tendo sempre diante dos olhos, com a sombra de Banco, o espectro do rei, seu cumplice, e a pallida silhueta do innocente principe, sua victima, e viverá o resto dos seus dias n'um eterno pesadello.

Paris, fevereiro de 1908.

A. Vinardell Roig.

GOVERNADOR CIVIL

Ainda se não sabe quem é o governador civil do districto, mas é provavel que a nomeação recáia sobre qualquer individuo extranho á politica do Algarve, como o aconselho a actual situação politica que deve ser superior a todos os interesses partidarios.

POSTAES

Com a photographia de sua magestade El-Rei D. Manuel II, a 20 RÉIS.

Vendem-se no estabelecimento de José Maria dos Santos.

DO ALGARVE AO MINHO

(CHRONICA HUMORISTICA

V

Figueira da Foz

Na Figueira ha uma exhibição dezaforada em todos os aspectos da vida balnear: na praia, nos hoteis, nos casinos, nos passeios.

Surprehende-se a cada passo a fatuidade d'uma sociedade sem alicerces, nem bom-senso.

Até á meia noite estivemos no Peninsular tomando refrescos. vendo uma bailarina e ouvindo um sexteto musical. Muitas senhoras bebiam cerveja e lá ao fundo da sala, proximo ao tablado, surgia a pequena e nervosa figura do academico Mario Monteiro, um dos intransigentes da recente grêve academica, que desafiava os olhares humidos das meninas sonhadoras.

Rimos muito com um brasileiro que nos apresentaram, natural d'Oliveira d'Azemeis e dias antes regressado das Pedras Salgadas, onde fora, como muito boa gente, curar os intestinos e estragar as algebeiras...

Curioso brasileiro este: de chapéu de Panamá e bengalla á Directorio, brancos e largos collarinhos presos por botões d'ouro, descrevia-nos, com funda verdade e accentuada pronuncia, Pedras, os divertimentos nas Pedras, os namoros nas Pedras, o tratamento nas Pedras... Irra! tanto descreveu as Pedras, até que eu e o meu companheiro fugimos d'elle, antes que, devido á profusão de pedras por elle trazidas para a conversa, tomassemos o expediente de correr-o á pedra...

Subimos ao quarto para a socego. Uma aragem morna pairava no espaço. Alta noite acordei estremunhado e abri os olhos; pela janella do quarto entrava um raio de luar prateado e uma voz suaviosissima cantava o fado Hylario ao som de guitarra. O classico fado, terno, soluçante, sentimental, a doce canção do sul, o hymno plangente da alma portugueza echoava pelas ruas da Figueira n'uma toada tão amorosa como soffredora!...

Quiz reter alguns versos, mas a minha memoria, enervada pelo sono, tornou-se má e despótica, como qualquer franquista incrado n'uma dictadura illimitada.

Morpheu subjogou-me de novo. (Continua).

MARCOS ALGARVE.

POETAS

FEVEREIRO

Por acaso parou na minha frente, De cloup e dominó de seda negra, Uma mulher d'olhar resplandecente E ménto breve de figura grôga. Tomei-lhs as mãos esguias entre as minhas... E os seus olhos doirados reluziram Como os punhaes ao sol, quando se tiram Aguçados e frios das bainhas —Máscara: Quem és tu?

—E tu quem és?...

—Um homem que te viu e te deseja. E um riso vago, de desdem talvez, Floriu na sua bocca de cereja. Ergui-lhe as mãos asceticas, Beijei-as. Em vibrações entrecortadas, sécas, Tiniam taças irisadas, cheias E um motivo d'amor, todo em colcheias, Cantava nas arcadas das rabéças, Levei a para o vão d'uma janella. —Máscara quem és tu?

—Para que insistes?...

Outro riso subiu da bocca d'ella, Aos olhos enigmaticos e tristes, E descobriu a face. No capuz Emoldurou-se um rosto lindo e sério, —Que diverso porem do que eu supuz!

A gente nunca deve entrar com luz Nos divinos recantos do mysterio...

Augusto Gil.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

Hoje, 16 — D. Maria da Conceição Silveira Sant'Anna, Antonio Fernando do Rego Chagas.

Segunda, 17 — D. Catharina Sanches Ortigão, D. Maria do Rosario Raphael.

Terça, 18 — Vasco Pereira de Campos, Antonio Feliciano Trigozo, Francisco José Maria de Lemos

Quarta, 19 — D. Angelina Contreiras Campos, D. Maria Eugenia Salter de Souza, José Antonio Padesca Braklamy.

Quinta, 20 — Dr. Alberto de Moraes.

Sexta, 21 — Conselheiro Silvino da Camara, Luiz Parreira.

Sabado, 22 — D. Maria Neves Aboim. D. Angela Barreto, D. Maria Luiza de Bivar, D. Anna Henriqueta de Bivar, D. Maria dos Prazeres Pereira Reis, D. Ermelinda Monteiro Santos, Sebastião José Teixeira Neves d'Aragão

REGISTO DE PUBLICAÇÕES

ENCYCLOPEDIA DAS FAMILIAS

Publicou-se o n.º 253 (22.º anno) d'esta interessante revista illustrada de instrução e recreio que de numero para numero melhora consideravelmente, correspondente assim ao crescente favor publico de que goza. D'esta revista sae regularmente um bello numero mensal de 80 paginas, profusamente illustrado, impresso em optimo papel e composto em typo completamente novo, formando no fim do anno um importante volume de 960 paginas pela modica quantia de 800 réis.

Enviem-se numeros specimens a quem os requisitar a Manoel Lucas Torres, rua Diario de Noticias, 93—Lisboa.

LIVRO DE ESTUDO

Editado pela considerada Livraria Central de Gomes de Carvalho, appareceu ha dias um pequeno livro, Sbsdios grammaticos para os estudantes de portuguez, de que é auctor o sr. Luiz José da Costa e Souza Lambim, professor de ensino livre legalizado. E' um livro aproveitavel não só para os estudantes, mas para todos que se interessam pela lingua patria.

Agradecemos ao auctor a delicia deza da offerta.

AZULEJOS

Continua a sua regular publicação este interessante semanario illustrado de sciencia, lettras e artes em que collabora assiduamente uma aproveitavel pleiade de moços litteratos.

O ultimo numero traz entre profusa collaboração em prosa e verso, as máscaras de Bulhão Pato e Casal Ribeiro

Administração: C. do Jogo da Pella, 6, 2.º—Lisboa.

GAZETA DAS ALDEIAS

Está distribuido o n.º 632 d'este utilissimo semanario illustrado de propaganda agricola e vulgarisação de conhecimentos uteis. Summario: A tragedia de 1 de fevereiro, de Julio Gama; Colheita da azeitona e póda correlativa da oliveira, de Menezes Pimentel; Laranjas que apodrecem na arvore, de M. Rodrigues Moraes; Verminózes intestinaes ou hebninthiases dos animaes domésticos, de J. V. de Paula Nogueira;

Trabalhos agricolas em fevereiro, de Eduardo Sequeira; Ideias religiosas dos indigenas, do padre Daniel da Cruz; A matebeira no Congo, de Bernardo de Oliveira Fragateiro; A cocção do grão de bico, de D. Sophia de Souza, Consultas, Secções e Artigos diversos.

Administração: rua do Sá da Bandeira, 193, 1.º—Porto.

SOMATOSE NA CONVALESCENÇA EDITAL

Joaquim Augusto Barrot Trindade, secretario da Camara Municipal e n'essa qualidade secretario recenseador do concelho de Tavira

FAZ PUBLICO:

QUE em conformidade com o disposto no artigo 26.º do decreto eleitoral de 8 de agosto de 1901, o quadro dos prasos anexo ao mesmo se acham expostas a exame e reclamação na secretaria da Camara Municipal, d'este concelho das 9 horas da manhã ás 3 da tarde em todos os dias não santificados ou feriados a contar do dia 9 até 18 do corrente mez as relações dos eleitores e elegiveis inscriptos de novo para o recenseamento eleitoral do corrente anno de 1908, as dos eleitores eliminados do anno anterior e as dos que transitam do mesmo anno para este; acham-se tambem para cumprimento do alludido Decreto affixadas nas respectivas egrejas parochiaes copias das mesmas relações.

E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente para ser publicado no jornal d'esta cidade e outros do mesmo theor que vão ser affixados ás portas das ditas egrejas parochiaes.

Tavira, 8 de fevereiro de 1908.

O Secretario,

Joaquim Augusto Barrot Trindade. 206

Monte-Pio Artístico Tavirense ASSEMBLÉA GERAL 1.ª COVOCAÇÃO

EM conformidade com o artigo 73 dos nossos estatutos é convocada a assembléa geral ordinaria a reunir no dia 1 de março, pelas 4 horas da tarde, na séde da associação, afim de discutir e votar as contas da gerencia finda.

Em conformidade com o disposto no artigo 75 dos estatutos estão patentes as contas e documentos da gerencia de 1907 para poderem ser examinadas.

Não havendo numero legal de socios para esta assembléa poder funcionar, fica desde já feita a convocação para o dia 8 de março proximo, pela mesma hora e no mesmo local; sendo a ordem dos trabalhos a que vae indicada para a 1.ª convocação.

Tavira, 10 de fevereiro de 1908.

O presidente da assembléa, João Sebastião Patricio.

JOÃO DE DEUS

A todos os cavalheiros a quem ultimamente foi remettida uma circular sobre a lapida a collocar na casa em que nasceu João de Deus, roga-se a fizeza de, querendo subscrever, enviarem até 15 do proximo mez, as suas importancias ao sr. Antonio Pedro Ramos ou Joaquim Thomé de Sousa Reis Remachado. A lista dos subscriptores tornar-se ha publica em occasião opportuna assim como as despezas a fazer.

Messines. Pela comissão, 207 Antonio da Conceição Teixeira.

ALVIÇARAS

Na tarde de quinta feira ultima, perdeu-se uma malinha de camurça ciuzenta, para senhora, desde o Mercado até á casa do ex.º sr. Berredo Falcão.

Quem entregar no escriptorio Reis as chaves que ella continha, receberá alviçaras.

THEATRO TAVIRENSE

THE ROYAL

STEREOCHRONOPHONOCINEMATOGAPHE

(Cinematographo fallante)

O MAIS PERFEITO E MARAVILHOSO INVENTO DO DIA

A COMBINAÇÃO MAIS ABSOLUTA

3 UNICOS ESPECTACULOS 3

DEBUTE — TERÇA-FEIRA, 18 DE FEVEREIRO DE 1908

ANNUNCIO

EDITOS DE 30 DIAS

No Tribunal do Commercio da comarca de Tavira e cartorio do 3.º officio, foi requerida por José Viegas Mansinho, casado, commerciante, estabelecido nesta cidade, a homologação da concordata por elle proposta e accete por mais de dois terços dos seus credores communs, representando mais de dois terços dos seus creditos não privilegiados nem preferentes. E no mesmo processo correm editos de trinta dias, a contar da publicação do segundo annuncio no *Diario do Governo*, citando os credores incertos do dito commerciante José Viegas Mansinho e os credores certos que não acceitaram a proposta de concordata: — «J. J. Ennes Gonçalves & C.ª, Francisco Avelino Nunes de Carvalho, — A. R. Macedo, — José da Motta Campos, — Pimentel & Alves, successores e Santos & Azevedo» — para no prazo de cinco dias posteriores ao dos editos, deduzirem por embargos, o que considerarem de seu direito contra a concordata.

Tavira, 30 de janeiro de 1908.
Verifiquei:—J. Sereno.
O escrivão do 3.º officio,
203 Estevão José de Sousa Reis.

2.º ANNUNCIO

No juizo de direito da comarca de Tavira, cartorio do 1.º officio e pelos autos de expropriação amigavel requerida pelo Ministerio Publico como representante do Estado, e em que são expropriados João Rodrigues e outros, de Cachopo, — correm editos de dez dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando todos os interessados incertos que se julguem com direito aos terrenos que se vão indicar, para dentro do prazo dos editos virem deduzir o seu direito ao dinheiro em deposito, proveniente da expropriação d'esses terrenos, sob pena de serem julgados livres e desembaraçados, e adjudicados ao Estado, applicando se como fôr de direito os valores depositados respeitantes nos mesmos terrenos, que são os seguintes:

- 1.º—885m² de terreno matoso no sitio de Valle d'Odre, freguezia de Cachopo, pertencente a João Rodrigues, solteiro, d'esse sitio.
- 2.º—3450m² de terreno matoso no mesmo sitio pertencente a Antonio Affonso e mulher:
- 3.º—703m² de terreno matoso no mesmo sitio, pertencente a Antonio Fernandes e mulher.
- 4.º—703m² de terreno matoso no mesmo sitio, pertencente a José Teixeira e mulher.
- 5.º—521m² de terreno de regadio e lavradio, cercado, no mesmo sitio, pertencente a Manuel Simões Amaro, viuvo.
- 6.º—2168m² de terreno cercado em 2 parcelas, no dito sitio, per-

tencente a Maria Fernandes, viuvo.
7.º—503m² de terreno cercado no dito sitio, pertencente a João Cavaco e mulher.

Tavira, 1 de fevereiro de 1908.
Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
J. Sereno.
O escrivão,
203 José Joaquim Parreira Faria.

MODESTO & FIGUEIREDO

Grande deposito de adubos chimicos

Avenida Hintze Ribeiro, n.º 2—FARO

Fornecem-se adubos chimicos, simples ou preparados para todos os terrenos e em harmonia com a amostras de terra.
Direcção do agronomo Alexandre de Figueiredo e Mello.
Descontos aos revendedores.

(108)

PREDIO

Aluga-se ou vende-se um predio em Santa Catharina, com 1.º andar proprio para residencia e tendo nos baixos armazem proprio para negocio—na rua corrente—trata-se com Manuel Luiz Horta, que vive na mesma.

204

Adubo chimico

Alem das qualidades já conhecidas para sementeiras que costumam ter, têm mais umas qualidades apropriadas para vinhas e batatas que vendem até pequenas porções para experiencia. Mathias Peres Rojo & Irmão.

199

Officina de canteiro e esculptura

DE
JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES
Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;
jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.
LARGO DO CARMO
(5872) Faro

VENDE-SE

Uma casa com primeiro andar na rua de S. Lazaro em Tavira, fazendo esquina com a rua das Figueiras. Trata-se com o seu dono João Gonçalves Bandeira, residente em Villa Real de Santo Antonio.

193

OFFICINA DE CANTEIRO

DE
Manuel Luiz Redondo

RUA DAS SALGADEIRAS, 40
AO CALHARIZ—LISBOA

EXECUTA-SE toda a variedade E de modelos especiaes de jazigos, assim como todos os trabalhos em pedra respeitantes á arte.

Pedir desenhos ao representante em Tavira.

SERGIO AUGUSTO DE CAMPOS
Rua de Mau Fôro (163)

CASA

Vende-se uma casa na rua de S. Braz com 6 compartimentos, quintal e saída para o Alto de S. Braz, que pertence á viuva e filha de Antonio José Gomes.

Quem pretender dirija-se a Sebastião José Correia, com loja de calçado na rua dos Torneiros—Tavira.

189

FUNERARIA

DE
Fernandes & Fernandes
FARO

E' esta representada em Tavira, pelo o seu agente Domingos José Soares, com estancia de madeiras na Borda d'agua de Aguiar.

194

COFRE

Vende-se um á prova de fogo e um armario de estabelecimento, tudo em bom estado. Trata-se com José Antonio da Silva, Tavira.

200

CAIXEIRO

Precisa-se com pratica de mercearia e fazendas. Carta a Manuel Dias Gomes, Villa Real de Santo Antonio, com referencia e idade.

195

ARRENDAR-SE

Na rua do Mau-Foro, uma officina de ferreiro com todas as ferramentas. Quem pretender dirija-se ao seu dono Joaquim Antonio dos Santos.—Tavira.

182

Trespasa-se

Casa e mercearia com tres compartimentos no estabelecimento, rua de Mau Foro, Tavira. Vende tambem uma porção de barris para vinho.

Trata-se com Sergio Augusto de Campos, barbeiro, rua do Poço da Mó Alta.

192

ARRENDAR-SE

A Horta Vermelha proximo do alto no sitio de Bernardinho, que consta de todo o arvoredado mimoso, de espinho e caroço, oliveiras e figueiras, vinha e terra de semear, com nora e tanque, uma casa e alpendre. Trata-se com João José de Oliveira, morador na Atalaya em Tavira.

191

O DIJESTIVO ROIVIN

Cuja efficacia é universalmente reconhecida, pode considerar-se, hoje, como o remedio soberano por excellencia nas enfermidades chronicas e agudas do ESTOMAGO e do INTESTINO. Uma caixinha com 30 obreias que levam gravado o nome DIGESTIF ROIVIN representa um tratamento completo, sendo superior a qualquer outro remedio e dando melhores resultados que uma duzia de garrafas de agua mineral adequada á doença que se quer combater. De venda nas principaes farmacias — Deposito e venda por atacado: DIGESTIF ROIVIN: 7, Rue du Marché Saint Honoré. PARIS.



CIRURGIA DENTARIA

De passagem na sua tournée chegou quinta feira a esta cidade, M.^{eur} Emile Tremoville, distincto cirurgião dentista pela escola de Paris.

Este cavalheiro tem sido aqui muito procurado e os seus trabalhos muito apreciados.
Quem padecer da bocca pode aproveitar.

Rua Direita, n.º 20

198

CASA

Vende-se uma morada de casas com altos, baixos e cavallariça, na rua do Tenente Couto. Quem pretender dirija-se a esta redacção.

PIANO VERTICAL

Vende-se barato. Rua dos Ciganos, 18. Tavira.—

184

COROAS

Coroas funebres em todos os tamanhos desde 1\$500 até 15\$000 réis.

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

TAVIRA

HENRIQUE BORGES

CIRURGIÃO DENTISTA

pela Universidade de Coimbra

Doenças da bocca e dos dentes. Dentes artificiaes.
Consultas gratis aos pobres ás 9 a manhã.

Rua 1.º de Dezembro, 20

42 FARO

Arte d'arrastar

Vende-se uma arte d'arrastar com todos os pertences, entrando dois barcos. Trata-se com Antonio José Tavares, rua Direita—Tavira.

185

ADALBERTO VEIGA

O INGLEZ TAL QUAL SE FALLA

Novissima guia de conversação com a pronuncia figurada. Preço, 300 rs. Livraria Classica Editora, Praça dos Restauradores, 20, LISBOA.



FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20

TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS (3)